



**Texto para Discussão 001 | 2026**

***Discussion Paper 001 | 2026***

## **Mapeando o cuidado: proposta de classificação e panorama da força de trabalho do cuidado no Brasil na última década**

**Kethelyn Ferreira**

*Doutoranda em economia pelo PPGE do Instituto de Economia (IE) da UFRJ*

*Professora substituta de Microeconomia do IE-UFRJ*

*Membro da Rede Brasileira de Economia Feminista (REBEF)*

**Yasmin Haddad**

*Doutoranda em economia pelo PPGE do Instituto de Economia (IE) da UFRJ*

*Membro da Rede Brasileira de Economia Feminista (REBEF)*

This paper can be downloaded without charge from

<https://www.ie.ufrj.br/publicacoes-j/textos-para-discussao.html>

# Mapeando o cuidado: proposta de classificação e panorama da força de trabalho do cuidado no Brasil na última década

Janeiro, 2026

## Kethelyn Ferreira

*Doutoranda em economia pelo PPGE do Instituto de Economia (IE) da UFRJ*

*Professora substituta de Microeconomia do IE-UFRJ*

*Membro da Rede Brasileira de Economia Feminista (REBEF)*

## Yasmin Haddad

*Doutoranda em economia pelo PPGE do Instituto de Economia (IE) da UFRJ*

*Membro da Rede Brasileira de Economia Feminista (REBEF)*

## Abstract

Although often treated as a homogeneous category, care occupations display significant contrasts in terms of wages, formalization, educational levels, and racial composition. This paper seeks to understand these asymmetries by examining the internal differences within the universe of care work and the profiles of the women who perform it. To capture this heterogeneity, we draw on two consolidated perspectives in the literature: Care, referring to direct attention to dependent persons, and Reproductive care, associated with domestic tasks such as cleaning, cooking, and maintaining the household, activities essential both for the daily regeneration of workers and for the formation of future generations. We also identify an area of intersection between these two categories. We propose a classification methodology aligned with ISCO-2008 and COD-2010, allowing us to distinguish different segments of care work in the Brazilian context. Applying this classification to PNAD Contínua microdata (Brazilian National Household Sample Survey) demonstrates that, regardless of how care work is defined, it plays a central role in women's labor market insertion and is predominantly performed by them, mirroring trends observed in unpaid care, with a marked predominance of Black women. The analysis from 2012 to 2024 reveals that internal differences within care work are deeply structured by gender and race: occupations classified as Reproductive concentrate significantly more precarious conditions, including lower formalization, educational attainment, and wages, whereas Care occupations exhibit comparatively better indicators across these dimensions. Finally, racial inequalities are shown to be decisive, shaping not only the segments of care work in which Black and non-Black women are concentrated but also the working conditions and economic returns associated with each segment.

**Keywords:** Care occupations; Social reproduction; Gender inequalities; Racial inequalities.

## Resumo

Embora frequentemente tratadas como um conjunto homogêneo, as ocupações de cuidado apresentam contrastes significativos em termos de remuneração, formalização, escolaridade e composição racial. Este trabalho busca compreender essas assimetrias examinando as diferenças internas ao próprio universo do cuidado e o perfil das mulheres que o desempenham. Para capturar essa heterogeneidade, adotamos duas vertentes consolidadas na literatura: o cuidado enquanto *Care*, voltado à atenção direta a pessoas dependentes, e o cuidado do tipo Reprodutivo, associado às tarefas domésticas de limpar, cozinhar e manter o lar, fundamentais tanto para a regeneração diária dos trabalhadores quanto para a formação das gerações futuras. Reconhecemos, ainda, uma zona de interseção entre ambas. Propomos, assim, uma metodologia de classificação compatível com a CIUO-2008 e a COD-2010, permitindo distinguir diferentes segmentos do trabalho de cuidado no contexto brasileiro. A aplicação dessa classificação aos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) evidencia que, independentemente da definição adotada, o trabalho de cuidado desempenha papel central na inserção laboral das mulheres brasileiras e é majoritariamente realizado por elas, assim como ocorre no cuidado não remunerado, com predominância marcante de mulheres negras. A análise entre 2012 e 2024 revela que as diferenças internas ao cuidado são profundamente estruturadas por gênero e raça: as ocupações classificadas como Reprodutivo concentram condições significativamente mais precárias, com menor formalidade, escolaridade e remuneração, enquanto as ocupações do tipo *Care* apresentam melhores indicadores nessas dimensões. Por fim, as desigualdades raciais também se mostram determinantes, influenciando não apenas o tipo de ocupação de cuidado no qual as mulheres negras e não negras se inserem, mas também as condições de trabalho e os retornos econômicos associados a cada segmento.

**Palavras-chave:** Ocupações de cuidados; Reprodução Social; Desigualdades de gênero; Desigualdades Raciais.

## Introdução

Em 2024, 23,3% das mulheres empregadas no mercado de trabalho brasileiro se encontravam em ocupações remuneradas de cuidados, enquanto apenas 2,2% dos homens estavam nessas ocupações. Para além dos diferenciais de representação, há ainda diferenças nas condições de trabalho em que os homens e as mulheres se encontram: há um gap salarial persistente em detrimento das mulheres tanto nas ocupações de cuidados como em demais ocupações (Pnad contínua, 2025).

Não obstante, o objetivo deste trabalho é refletir sobre os diferenciais entre as características das próprias ocupações de cuidado e sobre as mulheres que as realizam. Ainda que comumente tratemos trabalho de cuidados como algo homogêneo, há um grande diferencial de condições salariais, formalização e escolaridade a depender das ocupações de cuidados que estudamos. Há ainda um diferencial no que tange à maior ou menor participação de mulheres negras e não negras nessas ocupações.

Existem diversas formas de definir e classificar o trabalho de cuidado. As distinções costumam considerar se o cuidado é remunerado ou não, o grau de dependência da pessoa atendida, o tipo de vínculo entre cuidador(a) e receptor(a) e a separação entre trabalho produtivo e reprodutivo, entre outros critérios. Cada abordagem destaca dimensões específicas desse conjunto amplo e heterogêneo de atividades (IPEA, 2016). Neste trabalho, buscamos mapear o perfil das mulheres ocupadas em dois conjuntos de atividades de cuidados: as ocupações *Care* e as ocupações do tipo Reprodutivo, reconhecendo também a existência de uma intersecção entre ambas as classificações.

A literatura destaca que conceber o cuidado apenas como *nurturance*, isto é, como atenção direta, emocional e relacional a pessoas dependentes, permite captar especificidades importantes, mas tende a invisibilizar tarefas domésticas essenciais que garantem o bem-estar cotidiano e sustentam a reprodução da força de trabalho. Essa segunda vertente, que entende o cuidado como parte dos trabalhos de reprodução social, amplia o escopo analítico ao incluir atividades como limpar, cozinhar e manter o lar, fundamentais tanto para a regeneração diária dos trabalhadores quanto para a formação das gerações futuras. No contexto brasileiro, essa distinção é especialmente relevante dada a centralidade do trabalho doméstico e as marcantes desigualdades de gênero, raça

e classe que permeiam tanto as ocupações de cuidadoras quanto as de trabalhadoras domésticas.

Assim, no primeiro capítulo deste artigo definimos o que é trabalho de cuidado remunerado e descrevemos brevemente as diferentes vertentes de mensuração do mesmo. Em seguida, no segundo capítulo, propomos uma metodologia de classificação das atividades de cuidado adequada à Classificação Internacional Uniforme de Ocupações (CIUO-2008) e Classificação de Ocupações para Pesquisas Domiciliares (COD-2010). Por fim, no último capítulo, analisamos as características das mulheres empregadas em ocupações de cuidados do tipo *Care* e Reprodutivo no Brasil entre 2012 e 2024, destacando que há uma forte presença das mulheres negras e que também se evidencia uma menor formalidade, escolaridade e remuneração para os trabalhos classificados como Reprodutivo em comparação com as ocupações do tipo *Care*.

## 1 O que é trabalho de cuidado?

A conceituação do trabalho de cuidados se origina dos debates anglófonos acerca do termo *Care*. Conforme pontua Hirata (2010), o termo *Care* é polissêmico, podendo significar cuidado, solicitude, preocupação com o outro ou mesmo com as necessidades desse outro. Torna-se, portanto, difícil captar esses distintos aspectos em uma única definição, o que, por sua vez, contribui para a existência de divergências quanto aos conteúdos que são considerados pertinentes ao tema (IPEA, 2016).

Assim, existem múltiplas possibilidades de sistematizar as distintas conceituações e definições que dizem respeito ao trabalho de cuidado. Pode-se, portanto, partir do seu caráter remunerado ou não remunerado; da dependência ou da autonomia da pessoa receptora dos cuidados; da natureza do vínculo estabelecido entre quem cuida e quem é cuidado; da distinção entre trabalho produtivo e reprodutivo, entre outros. Cada perspectiva, dessa forma, vai privilegiar e visibilizar diferentes aspectos desses tipos de trabalho (IPEA, 2016).

Atualmente, a discussão sobre o trabalho de cuidados possui duas vertentes teóricas. A primeira dessas vertentes vai compreender o cuidado enquanto *nurturance* (que poderia ser traduzido como amparo), isto é, entender o cuidado como aquelas atividades relativas ao amparo e à atenção face a face dedicados a pessoas dependentes, como crianças, idosos e doentes. Enfatiza-se, portanto, a natureza relacional do cuidado, com destaque para a interdependência entre os sujeitos que performam e recebem cuidado (IPEA, 2016).

A definição do cuidado enquanto *nurturance* tem como ponto interessante a sua capacidade de esclarecer as particularidades dos cuidados pessoais diretos, em especial porque considera aspectos que vão além da centralidade do trabalho de cuidados para a reprodução do sistema econômico, colocando em pauta a dimensão afetiva e emocional, por exemplo. Em adição, essa maneira de conceituar o cuidado enfatiza que o mesmo constitui a base de sustentação das relações interpessoais e familiares (IPEA, 2016).

Embora essa seja a abordagem predominante na literatura, importa destacar que desconsidera outras tarefas relativas à garantia do bem-estar e da reprodução social dos indivíduos, ou seja, desconsidera os afazeres domésticos como trabalho de cuidados. Argumenta-se que, por excluir o cuidado a não dependentes, principalmente homens adultos, essa leitura invisibiliza uma enorme massa de trabalho, realizado principalmente por mulheres, que efetivamente sustenta a maior parte do trabalho remunerado realizado por esses mesmos homens (Federici, 2019).

Dessa forma, a segunda vertente, isto é, a leitura do cuidado como os trabalhos de reprodução social, busca preencher essa lacuna teórica. Indo além das tarefas que estão voltadas para garantir atenção a pessoas dependentes, essa perspectiva privilegia não o vínculo relacional inerente a determinadas atividades do cuidado, mas a manutenção e reprodução da força de trabalho. Portanto, consideram-se cuidados, também, tarefas como a limpeza e o preparo das refeições, por exemplo (IPEA, 2016).

A leitura do trabalho de cuidados como trabalho de reprodução social separa os cuidados em cuidado direto e cuidado indireto. Nessa classificação, as atividades de cuidado direto incluem serviços de assistência pessoal para pessoas dependentes – como crianças, idosos e pessoas com necessidades especiais, além de pessoas doentes (crônicas ou eventuais). As atividades de cuidado indireto, por sua vez, não envolvem um contato pessoal, mas

pressupõem a criação de um ambiente acolhedor para as pessoas, como a limpeza das casas, o cozinhar e as tarefas de manutenção da casa (OIT, 2021). Ambos os tipos de tarefas de cuidado, conjuntamente, vão corresponder às tarefas de reprodução social, isto é, que garantem a reprodução da força de trabalho.

Conceitua-se a reprodução social como uma série de tarefas, diárias e de longo prazo, que reproduzem os meios de produção por meio da força de trabalho que os põem em movimento. Diz respeito, assim, à reprodução biológica e à regeneração dos trabalhadores por meio da provisão de comida, moradia, alimentação, saúde, entre outros. Assim, entende-se que os trabalhos de cuidados contribuem para a sustentação da economia no curto prazo via reprodução dos trabalhadores que já estão inseridos no mercado de trabalho e também para a reprodução dos trabalhadores fora do mercado (idosos ou crianças). Em adição, contribuem no longo prazo para a geração e educação dos trabalhadores do futuro, isto é, envolvem a reprodução da força de trabalho em um nível (que pode variar) de diferenciação e expertise, preparando-os para se tornarem os trabalhadores do mercado e os disciplinando (Bhattacharya, 2017; Katz, 2001).

## 2 Metodologia

Guedes e Monçores (2019) mostram que, a despeito de serem categorizadas como iguais pela legislação brasileira, as trabalhadoras domésticas e as cuidadoras profissionais possuem diferenças importantes no que diz respeito à qualificação e ao *status* social, por exemplo. Em adição, destacam como esses dois tipos de ocupação estão fortemente permeados, para além das desigualdades de gênero, por desigualdades de raça e classe.

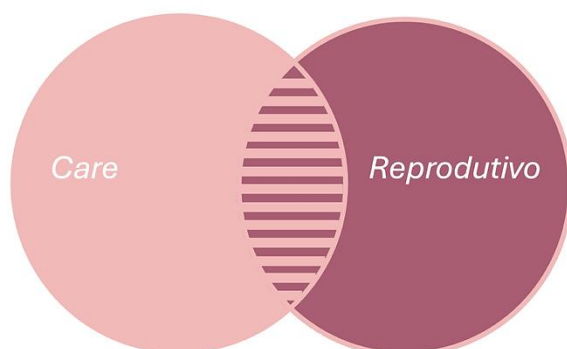
Essas diferenciações, que ganham contornos ainda mais significativos quando se olha para as diferentes formas de classificar o trabalho de cuidado, precisam ser levadas em consideração quando se pesquisa sobre o tema, em especial no caso de estudos empíricos. Assim, propomos, a partir das duas leituras do cuidado mais consolidadas na literatura (*Care* e Reprodutivo), a desenvolver uma metodologia de classificação das atividades de cuidados para o âmbito do Brasil.

Nesse sentido, optamos por realizar a classificação a partir desses dois eixos, e ainda uma classificação que intersecciona os dois. Realizou-se a classificação com base na Classificação Internacional Uniforme de Ocupações (CIUO-08), em sua 4ª versão, que é, para as ocupações de cuidados, diretamente compatível, no nível mais desagregado (4 dígitos), com a Classificação Brasileira de Ocupações-Domiciliar (COD-2010 ou CBO-Domiciliar), utilizada pelo IBGE na PNAD Contínua. As tabelas com as classificações completadas se encontram no Anexo 1.

Conforme colocado acima, distinguiu-se como atividades de cuidado na classificação de *Care* aquelas que envolvem a atenção face a face a crianças, idosos e pessoas dependentes (como professoras de ensino primário, enfermeiros e auxiliares de enfermagem, por exemplo), dentro ou fora dos domicílios. No que diz respeito às atividades classificadas somente como reprodutivas, foram classificadas duas ocupações relativas ao trabalho doméstico remunerado: trabalhadores/as domésticos/as encarregados/as da casa e trabalhadores/as domésticos/as encarregados/as da limpeza e do apoio. Isto é, aqui colocou-se a diferença entre essas leituras, que é, essencialmente o trabalho doméstico remunerado. Há de se atentar que a leitura do trabalho Reprodutivo é mais ampla e envolve uma gama maior de atividades do que a visão do *Care*.

Por fim, na interseção entre *Care* e Reprodutivo, classificaram-se as tarefas entendidas como cuidados para ambas as vertentes, ou seja, que estão na interseção entre o cuidado face a face e a reprodução social no sentido das teóricas da Teoria da Reprodução Social, ou seja, a interseção que está na figura 1 abaixo.

**Figura 1 – Ocupações de cuidados: Care, Reprodutivo e interseção**



Fonte: Elaboração própria.

### 3 Quem cuida no Brasil?

As ocupações de cuidado, independentemente da forma como as classificamos, possuem um peso muito significativo para a inserção das mulheres no mercado de trabalho brasileiro. Em 2024, aproximadamente 2 a cada 10 mulheres ocupadas no mercado de trabalho encontravam-se em uma ocupação de cuidados. No caso masculino tal comparativo cai para 2 a cada 100 homens ocupados (Pnad contínua, 2025).

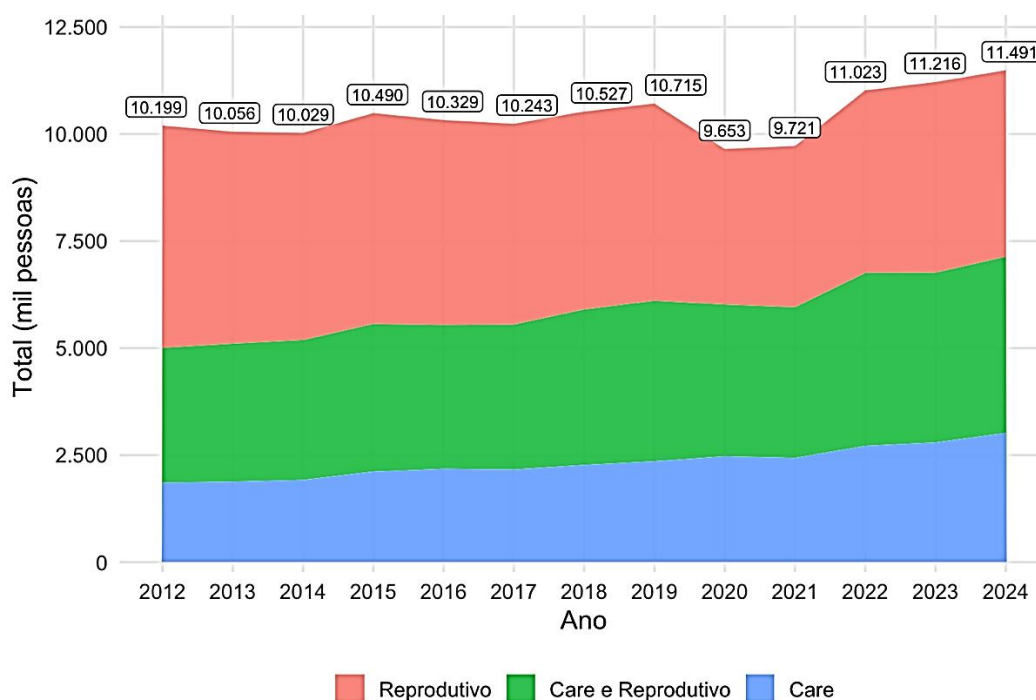
Olhando em específico para o Brasil, é preciso ressaltar que há um massivo contingente de trabalhadoras domésticas, que chegam a representar mais de 4 milhões de trabalhadoras em 2024, correspondendo a, aproximadamente, 40% das ocupações de cuidados (Pnad contínua, 2025). Quando se pensa em trabalho doméstico, tal como evidenciaremos na análise dos dados, de fato não se está falando de um conjunto homogêneo de trabalhadoras.

Entre 2012 e 2024 é possível observar um aumento das pessoas empregadas em ocupações de cuidados, que passam, em números absolutos, de 10,2 milhões para 11,5 milhões de pessoas, representando um crescimento de 12,7%. Não obstante, esse crescimento não é homogêneo entre os tipos de ocupações de cuidados. No caso das ocupações classificadas como *Care e Care* e Reprodutivo, o crescimento é mais acelerado que o das ocupações totais, o que se reflete em um aumento do peso destas ocupações, que passam, respectivamente, de 2,1% e 3,5% em 2012 para 3,0% e 4,1 em 2024. Essas ocupações, especialmente *Care*, associadas principalmente à área da saúde (como enfermagem) e assistência social e comunitária, tendem a ser menos afetadas em períodos de crises e recessões, dado o caráter indispensável delas (Gráfico 1).

No caso das ocupações Reprodutivo, no que diz respeito ao seu peso na estrutura ocupacional brasileira, o cenário é o contrário: em 2012, 5,8% das pessoas ocupadas encontravam-se nessas ocupações, já em 2024 essa proporção caiu para 4,3%. Essas ocupações apresentam um comportamento bem mais volátil do que as do tipo *Care e Care* e Reprodutivo, apresentando decréscimo na maior parte da série, principalmente em 2020 (-21,1% em relação a 2019), quando são identificados os primeiros casos de covid-19 no Brasil, dado que uma das principais medidas para conter a proliferação deste vírus foi o isolamento social, inviabilizando seu desempenho de forma segura (Gráfico 1).

Atenta-se que o emprego nesse tipo de ocupação (isto é, o trabalho reprodutivo), que implica basicamente na realização de atividades como varrer, cozinhar, lavar roupas a domicílio, foi fortemente afetado. Aliado a isso está o fato de que, como se analisará posteriormente, como grande parte das pessoas empregadas nessas ocupações são trabalhadoras informais, torna-se mais fácil demitir e contratar a depender do cenário econômico.

**Gráfico 1 – Evolução das pessoas ocupadas em ocupações associadas a cuidados (2012-2024)**

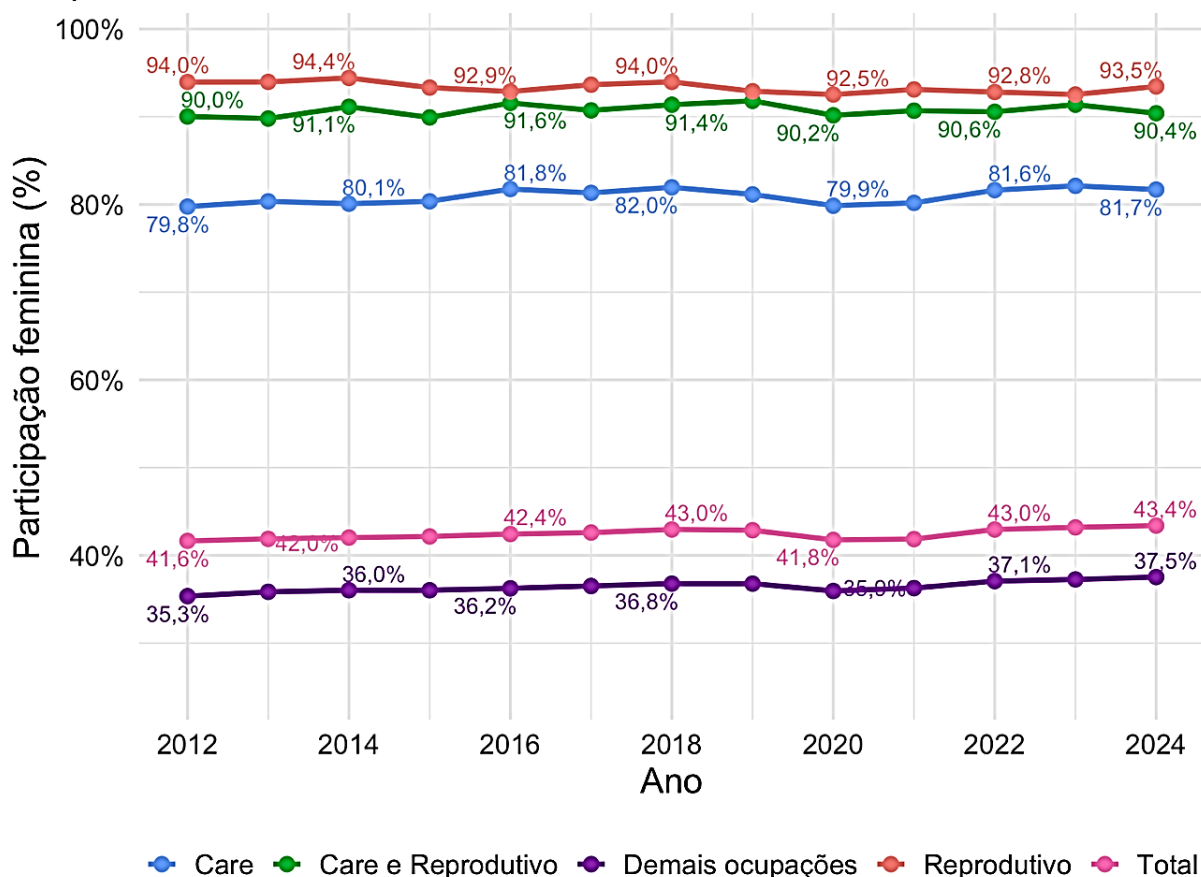


Fonte: Elaboração Própria. Dados: Pnad Contínua.

Em todos os anos da série, é clara a sobrerrepresentação feminina dentre as pessoas realizando atividades de cuidados remuneradas (assim como ocorre na realização de cuidados não remunerados). Essa sobrerrepresentação contrasta com a sub-representação nas Demais ocupações, principalmente quando o enfoque recai sobre o Reprodutivo. Enquanto no Reprodutivo e *Care e Reprodutivo* a participação feminina alcança, pelo menos, aproximadamente 90% em todos os anos da série, e no *Care* fica em torno dos 80%, no caso das Demais ocupações essa participação não alcança 40% (Gráfico 2). Resultado este que está em linha com a noção de que, a partir de uma naturalização do

cuidado como feminino, este é majoritariamente realizado por mulheres, independente se de forma remunerada ou não (Hirata, 2010; Federici, 2017).

**Gráfico 2 – Participação feminina das pessoas ocupadas, segundo tipo de ocupações (2012-2024)**

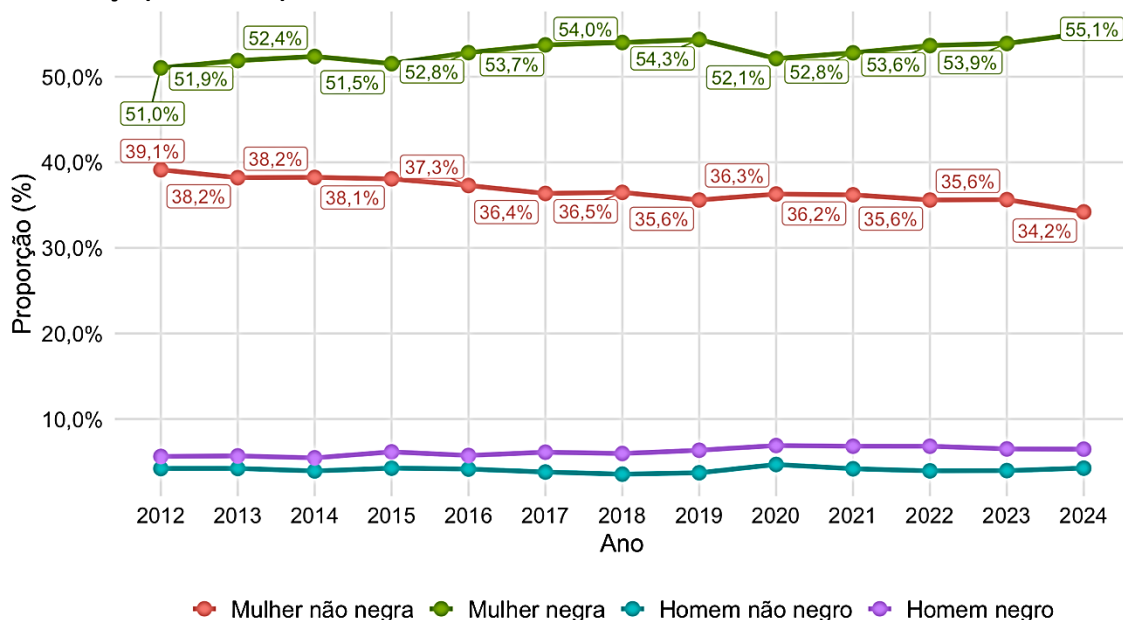


Fonte: Elaboração Própria. Dados: Pnad Contínua. Nota: Pessoas negras incluem as denominadas pretas e pardas, enquanto não negras incluem brancas, amarelas e indígenas.

Considerando as ocupações de cuidados em termos agregados, isto é, somando os três tipos de classificação propostos, temos uma participação feminina média de, aproximadamente, 89% ao longo dos anos. Destes 89%, as mulheres negras tendem a representar mais que 50pp, enquanto as não negras representam, aproximadamente, entre 34pp e 39pp (Gráfico 3). Conforme pontuado, por exemplo, por Gonzalez (2020), o Brasil é um país marcado por uma imbricação estrutural entre racismo, patriarcado e divisões de classe, que vão se reverberar em uma divisão racial do trabalho, que de fato está

intrinsecamente associada à divisão sexual do trabalho, como fica evidente no caso da análise dos trabalhos de cuidado no mercado de trabalho brasileiro.

**Gráfico 3 – Distribuição das pessoas ocupadas em ocupações associadas a cuidados, segundo sexo e raça (2012-2024)**



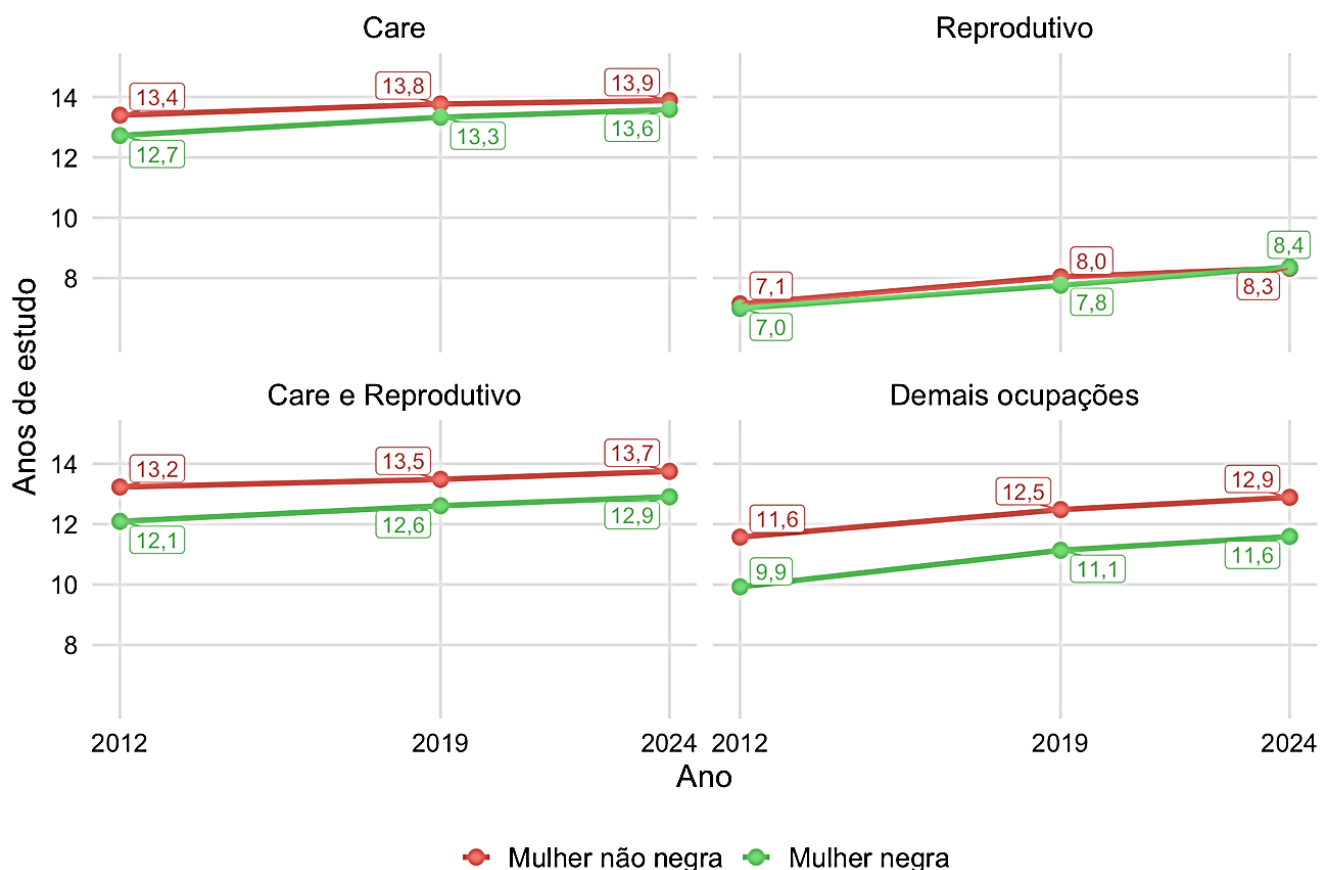
Fonte: Elaboração Própria. Dados: Pnad Contínua. Nota: Pessoas negras incluem as denominadas pretas e pardas, enquanto não negras incluem brancas, amarelas e indígenas.

No que tange a escolaridade das mulheres ocupadas, é nas ocupações Reprodutivo, ocupações com menor escolaridade média, que a média de anos de estudo de mulheres negras e não negras mais se aproxima, com uma média levemente superior para as mulheres negras em 2024. As mulheres ocupadas nas ocupações do tipo *Care* são as que possuem, em média, mais anos de estudo, sejam elas negras ou não negras. Em 2024, por exemplo, a escolaridade das mulheres negras e não negras nas ocupações *Care* era aproximadamente 1,6 e 1,7 vezes maior do que a das mulheres em ocupações do tipo Reprodutivo (Gráfico 4).

De fato, se torna evidente que uma importante disparidade no que tange a forma como classificamos e mensuramos o trabalho de cuidado tem a ver com a questão da escolaridade e da qualificação, visto que a leitura do cuidado do trabalho como *Care* vai englobar algumas ocupações ligadas à saúde (como enfermeiras e assistentes de

enfermagem, por exemplo) e educação (como professoras primárias), ao passo que a ocupação que está associada ao trabalho reprodutivo é o trabalho doméstico, uma categoria marcada pela baixa escolaridade (Viceli; Horn. 2025).

**Gráfico 4 – Anos de estudo das mulheres ocupadas, segundo tipo de ocupações e raça (2012, 2019 e 2024)**



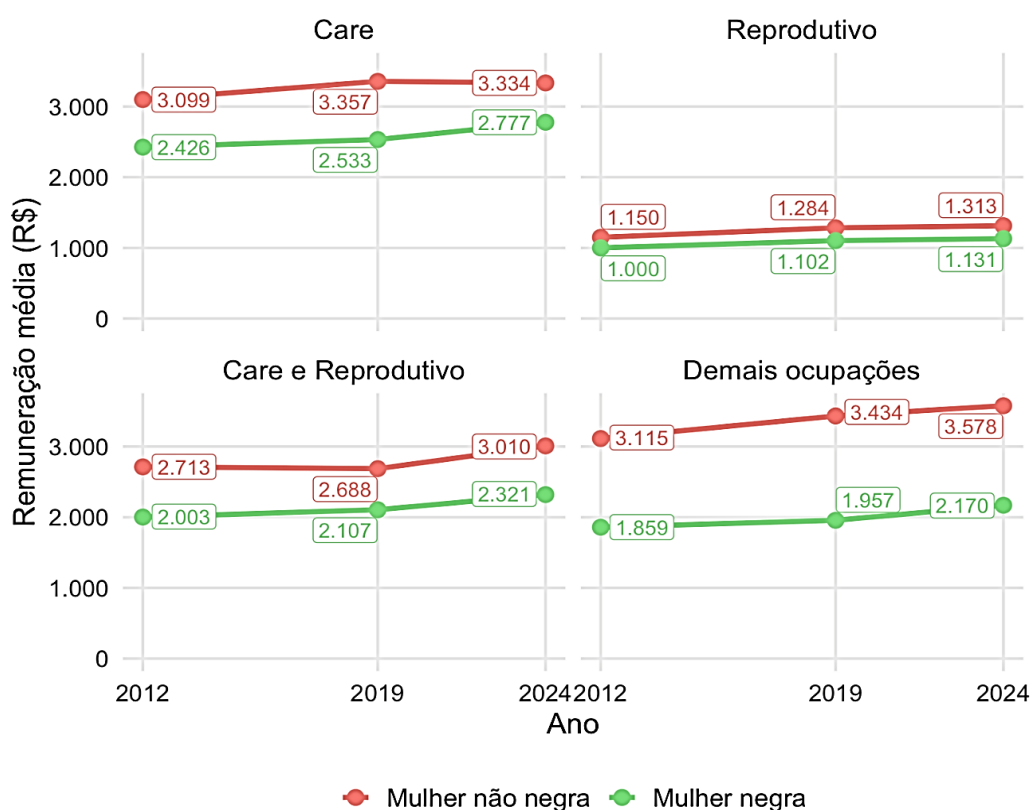
Fonte: Elaboração Própria. Dados: Pnad Contínua. Nota: Pessoas negras incluem as denominadas pretas e pardas, enquanto não negras incluem brancas, amarelas e indígenas.

Ainda que se destaque a necessidade de valorização econômica das ocupações de cuidados (Hirata, 2010), são de fato as ocupações associadas aos cuidados reprodutivos as que possuem menor remuneração. Em 2012, a remuneração associada ao Reprodutivo correspondia a, respectivamente, apenas 36,9% e 53,8% da remuneração associada à Demais ocupações para mulheres não negras e negras. O cenário em 2024 não é muito discrepante, sendo equivalente a 36,7% para mulheres não negras e 52,1% para negras. Em contrapartida, as mulheres ocupadas em ocupações do tipo *Care* possuem uma

remuneração consideravelmente mais próxima da que recebem nas demais ocupações, sendo superior no caso das mulheres negras (Gráfico 5).

Notoriamente, também é evidente a diferença de remuneração recebida por mulheres negras e não negras, em detrimento das mulheres negras, independentemente do tipo de ocupações. Por um lado, esse *gap* salarial atinge a maior proporção no caso das Demais ocupações: em 2024, por exemplo, o salário de uma mulher negra equivalia a apenas 60,6% de uma mulher não negra. Por outro lado, a remuneração associada aos cuidados do tipo Reprodutivo é tão baixa que o próprio *gap* se reduz. Nos anos destacados, a remuneração das mulheres negras corresponde, aproximadamente, de 85% a 87% da de mulheres não negras (Gráfico 5).

**Gráfico 5 – Remuneração feminina, segundo tipo de ocupações e raça (2012, 2019 e 2024)**



Fonte: Elaboração Própria. Dados: Pnad Contínua. Nota: Pessoas negras incluem as denominadas pretas e pardas, enquanto não negras incluem brancas, amarelas e indígenas. Os dados de remuneração estão deflacionados pelo IPCA a preços de 2024.

Independentemente do tipo de ocupação analisada, vale ressaltar que há um *gap* salarial persistente entre mulheres e homens, sendo este menor nas ocupações *Care* em todos os

anos da série. São essas ocupações também as que possuem uma remuneração superior à remuneração média da economia, juntamente com as Demais ocupações. Em contrapartida, a ocupação Reprodutivo possui uma remuneração que, no melhor dos casos, corresponde a 40,0% da remuneração média da economia (Tabela 1).

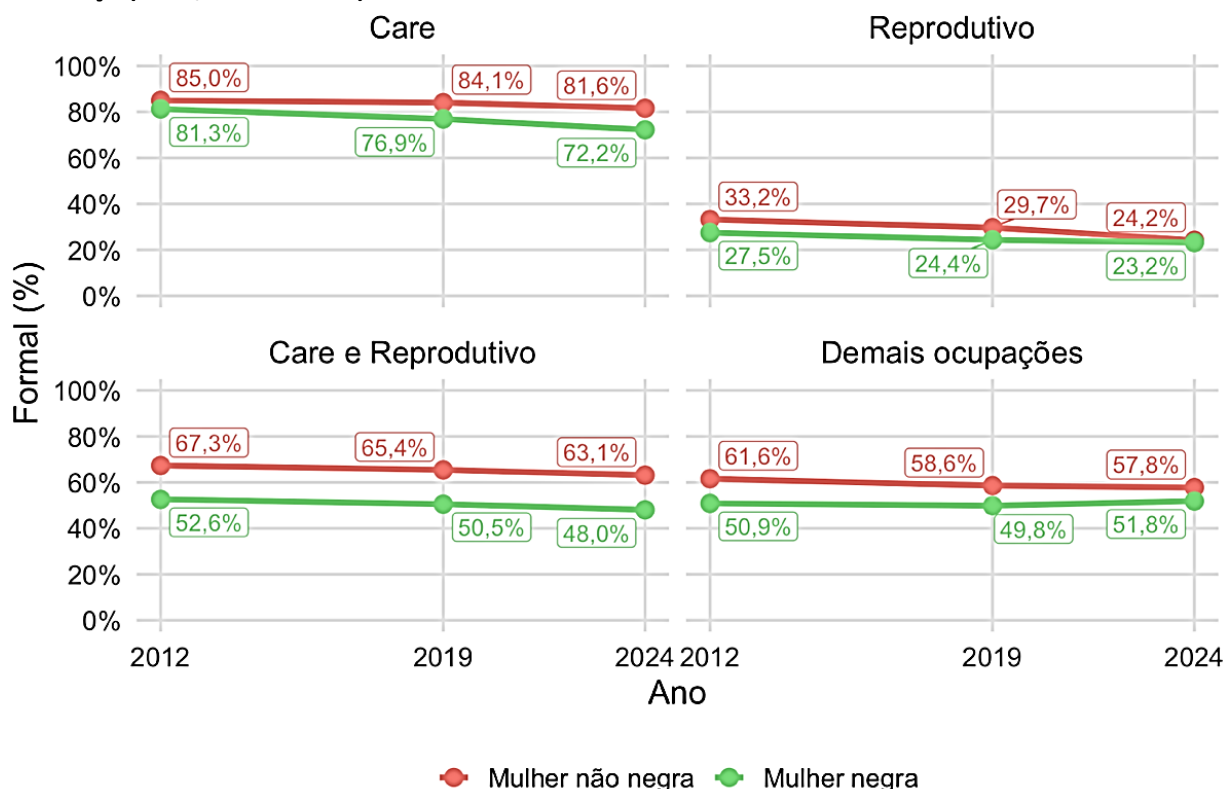
**Tabela 1 – Indicadores de remuneração, segundo tipo de ocupações (2012, 2019 e 2024)**

	Ocupações	2012	2019	2024
Remuneração Feminina/ Masculina (%)	Care	80,8	91,5	84,7
	Care e Reprodutivo	70,0	71,2	69,2
	Reprodutivo	78,2	82,3	83,1
	Demais ocupações	79,5	82,4	83,1
	Total	73,1	76,9	78,4
Remuneração da Ocupação/ Remuneração Total (%)	Care	102,3	100,4	100,4
	Care e Reprodutivo	86,9	82,9	87,7
	Reprodutivo	37,7	40,0	38,7
	Demais ocupações	104,8	104,2	103,6

Fonte: Elaboração Própria. Dados: Pnad Contínua. Nota: Pessoas negras incluem as denominadas pretas e pardas, enquanto não negras incluem brancas, amarelas e indígenas.

No que tange à formalização das mulheres ocupadas, as ocupações do tipo *Care* são aquelas em que as taxas de formalidade são mais elevadas. Em 2024, mais de 80% das mulheres não negras estavam ocupadas formalmente, enquanto aproximadamente 72,2% das mulheres negras nessas ocupações possuíam um vínculo formal de trabalho. Nas ocupações Reprodutivo, por um lado, a formalização é substancialmente menor, por outro, o diferencial de formalização entre mulheres negras e não negras é menos expressivo. Poderíamos dizer que, em 2024, aproximadamente 3 a cada 4 mulheres empregadas nessas ocupações estavam em uma situação de informalidade (Gráfico 6).

**Gráfico 6 – Proporção de mulheres ocupadas formalmente, segundo tipo de ocupações e raça (2012, 2019 e 2024)**



Fonte: Elaboração Própria. Dados: Pnad Contínua. Nota: Pessoas negras incluem as denominadas pretas e pardas, enquanto não negras incluem brancas, amarelas e indígenas. Informalidade é definida como pessoas empregadas sem carteira de trabalho, trabalhadoras/es familiares auxiliares e trabalhadoras/es por conta-própria.

## Considerações Finais

Embora o debate sobre cuidados tenha ganhado proeminência nos estudos sobre o trabalho das mulheres, o trabalho de cuidados ainda possui uma definição pouco precisa. Partindo das duas leituras mais consolidadas na literatura, isto é, o cuidado enquanto *Care* e enquanto Reprodutivo, propõe-se uma metodologia para classificação de trabalho de cuidados.

Como aplicação, analisaram-se as duas definições a partir dos dados da PNAD Contínua entre 2012 e 2024. Ficou evidente que, independentemente da forma como se define o trabalho de cuidado, este possui um peso muito significativo para a ocupação das mulheres brasileiras. Em geral, são trabalhos majoritariamente realizados por mulheres,

com uma forte presença das mulheres negras. Em termos das diferenças, observa-se uma menor formalidade, escolaridade e remuneração para os trabalhos classificados como Reprodutivo em comparação com as ocupações do tipo *Care*.

Por fim, as diferenças raciais também se fazem presentes na análise dos trabalhos de cuidados. Observou-se que, ainda que as mulheres sejam notavelmente a maioria entre as pessoas empregadas em ocupações associadas aos cuidados, ser negra ou não negra se reflete tanto no tipo de ocupações de cuidados de que essas mulheres se ocupam como nas condições de trabalho com que elas se defrontam (ex.: remuneração e formalidade).

## Referências

BHATTACHARYA, T. How Not To Skip Class: Social Reproduction of Labor and the Global Working Class. In: BHATTACHARYA, T. Social reproduction theory: Remapping class, recentring oppression. Pluto Press, 2017.

FEDERICI, S. O ponto zero da revolução. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

GONZÁLEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

GUEDES, G.; MONÇORES, E. Empregadas domésticas e cuidadoras profissionais: compartilhando as fronteiras da precariedade. R. bras. Est. Pop., v.36, 1-24, 2019.

HIRATA, H. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. Revista Tecnologia e Sociedade, v. 6, n. 11, p. 1-7, 2010.

IPEA. Economia dos cuidados: marco teórico-conceitual, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/1336b14c-64c6-4a90-844c-33ac57ed3598>

KATZ, C. Vagabond Capitalism and the Necessity of Social Reproduction'. Antipode, v. 33, n. 4, p. 709–728, 2001.

OIT. Convenção e recomendação sobre trabalho decente para as trabalhadoras e trabalhadores domésticos. 2011.

VIECELI, C.; HORN, C.H. Tendências do trabalho doméstico remunerado no Brasil sob um contexto de crises. Revista de Economia Contemporânea, v. 29. n. (único), p. 1-26, 2025.

## Anexo 1. Classificação e definição das ocupações de cuidados (CIUO-08)

### A. Reprodutivo

Código	Nome	Definição
5152	Trabalhadoras/es domésticas/os encarregadas/os da casa	Organizam, supervisionam e executam tarefas domésticas em residências particulares e pequenos estabelecimentos de hospedagem, com ou sem apoio de outras/os trabalhadoras/es subordinadas/os.
9111	Trabalhadoras/es domésticas/os de limpeza e apoio	Realizam tarefas como varrer, aspirar, lavar e polir, cuidar de roupas de cama e banho, adquirir suprimentos domésticos, preparar alimentos, servir refeições e executar diversas outras atividades domésticas.

### B. Care e Reprodutivo

Código	Nome	Definição
2222	Profissionais de obstetrícia	Planejam, gerenciam, prestam e avaliam serviços de cuidado obstétrico antes, durante e após a gestação e o parto. Oferecem assistência ao parto com o objetivo de reduzir riscos à saúde de mulheres e recém-nascidas/os, atuando de forma autônoma ou em equipes com outras/os profissionais da saúde.
2341	Professoras/es do ensino primário	Ensinam uma variedade de disciplinas no nível da educação básica inicial.
2342	Educadoras/es da primeira infância	Promovem o desenvolvimento social, físico e intelectual de crianças em idade anterior ao ensino primário, por meio de atividades educativas e lúdicas.
2352	Professoras/es de educação especial	Ensinam crianças, jovens ou pessoas adultas com deficiências físicas ou mentais, dificuldades de aprendizagem ou outras necessidades específicas. Promovem o desenvolvimento social, emocional, intelectual e físico de suas/seus estudantes.
3222	Profissionais associadas/os de obstetrícia	Oferecem cuidados básicos de saúde e orientação antes, durante e após a gestação e o parto. Implementam planos de cuidado, tratamento e encaminhamento geralmente estabelecidos por profissionais da medicina, da obstetrícia e de outras áreas da saúde.
5311	Trabalhadoras/es de cuidado infantil	Oferecem cuidado e supervisão de crianças em lares residenciais e em centros de atendimento antes e depois da escola, durante férias ou em creches.
5322	Trabalhadoras/es de cuidados pessoais domiciliares	Oferecem cuidados pessoais de rotina e assistência nas atividades da vida diária a pessoas que necessitam desse tipo de apoio em razão do envelhecimento, doenças, lesões ou outras condições físicas ou mentais, atuando em residências particulares ou outros contextos domiciliares independentes.

### C. Care

Código	Nome	Definição
2221	Profissionais de Enfermagem	Oferecem serviços de tratamento, apoio e cuidado para pessoas que necessitam de assistência de enfermagem devido aos efeitos do envelhecimento, lesões, enfermidades ou outras limitações físicas ou mentais, ou em razão de potenciais riscos à saúde. Assumem a responsabilidade pelo planejamento e pela gestão do cuidado aos pacientes, incluindo a supervisão de outras/os profissionais da saúde, atuando de forma autônoma ou em equipes com médicas/os e outras/os trabalhadoras/es, na aplicação prática de medidas preventivas e curativas.
2635	Profissionais de serviço social e aconselhamento	Oferecem orientação e apoio a indivíduos, famílias, grupos, comunidades e organizações diante de dificuldades sociais e pessoais. Auxiliam as/os usuárias/os no desenvolvimento de habilidades e no acesso a recursos e serviços de apoio necessários para lidar com questões decorrentes de desemprego, pobreza, deficiência, dependência química, comportamentos criminais ou infracionais, conflitos conjugais e outros problemas.
3221	Profissionais associados/as de enfermagem	Oferecem cuidados básicos de enfermagem e assistência pessoal para pessoas que necessitam desse tipo de atendimento em razão do envelhecimento, doenças, lesões ou outras limitações físicas ou mentais. Geralmente atuam sob supervisão e em apoio à execução de planos de cuidado, tratamento e encaminhamento estabelecidos por profissionais da medicina, enfermagem e outras áreas da saúde.
3253	Trabalhadoras/es comunitárias/os de saúde	Oferecem educação em saúde, encaminhamento e acompanhamento, gestão de casos, cuidados preventivos básicos e serviços de visita domiciliar para comunidades específicas. Prestam apoio e assistência a indivíduos e famílias na utilização e acesso aos sistemas de saúde e de proteção social.
3412	Profissionais associadas/os de serviço social	Administram e implementam programas de assistência social e serviços comunitários, além de apoiar usuárias/os no enfrentamento de problemas pessoais e sociais.
5312	Auxiliares de ensino	Desempenham funções não docentes para dar suporte às/aos profissionais da educação e oferecem cuidado e supervisão a crianças em escolas e pré-escolas.
5321	Assistentes de cuidados em saúde	Oferecem cuidados pessoais diretos e apoio nas atividades da vida diária a pacientes e residentes em diversos contextos de atenção à saúde, como hospitais, clínicas e instituições de cuidados de enfermagem residenciais. Geralmente atuam na implementação de planos e práticas de cuidado estabelecidos, sob supervisão direta de profissionais médicas/os, de enfermagem ou de outras áreas da saúde, incluindo profissionais associadas/os.

Fonte: Elaboração Própria. Nota: Definições da Organização Internacional do Trabalho.